

TIPOLOGIA TEXTUAL NOS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA

Cíntia Maria Cardoso¹

Introdução

Este trabalho propõe discutir a tipologia textual presente nos livros didáticos de História e suas características. Conduzida numa abordagem descritiva e interpretativa, a análise foi realizada da perspectiva da Gramática Sistêmico-Funcional (doravante GSF), com ênfase nos gêneros textuais. O intuito é oferecer instrumentos que possibilitem auxiliar o trabalho do professor de História na leitura, na compreensão e na produção de textos históricos para melhor entendimento e compreensão do conhecimento histórico.

Concepção de gênero na perspectiva da GSF

Embora a questão dos gêneros seja abordada de várias perspectivas², neste trabalho, restringimos nossa investigação à perspectiva da GSF. Ciapuscio (2005) afirma que a questão do gênero foi assumindo aos poucos uma centralidade crescente no âmbito dos estudos da GSF, a partir de Halliday, a ponto de se tornar uma das principais controvérsias internas que acabaram dando feição particular a duas vertentes, representadas, de um lado, por Hasan e, de outro, pelo grupo que integra a ‘Escola de Sydney’.

Halliday supõe uma correlação essencial entre a organização linguística e os aspectos contextuais: para o autor as opções de significado que configuram o sistema linguístico se organizam nas três metafunções (ideacional, interpessoal e textual), postulando um modelo de linguagem ou de texto que se relaciona de maneira “natural” com a organização do contexto de situação. Para o autor, existe uma relação sistemática entre as categorias da situação e as do sistema semântico: em termos gerais o campo está refletido nos *significados experienciais* do significado do texto, as *relações*, nos *significados interpessoais* e o modo, nos *significados textuais*. Na teoria hallidayana, é importante o conceito de registro, que, para o autor, permite dar conta da relação entre os textos e os processos sociais. Halliday assim define registro:

Um registro é um conceito semântico. Ele pode ser definido como uma configuração de significados que são tipicamente associados a uma configuração situacional particular de campo, modo e relações. Mas, sendo uma configuração de significado, um registro deve também incluir as expressões, os traços léxico-gramaticais e fonológicos, que tipicamente acompanham ou realizam esses significados. E algumas vezes vemos que um registro particular também tem traços indexicais/indiciais, índices em forma de palavras particulares, sinais gramaticais particulares, ou mesmo algumas vezes sinais fonológicos que têm a função de indicar aos participantes que se trata de um registro em questão. (...) (HALLIDAY, 1989, p. 38 apud CIAPUSCIO, 2005, *tradução nossa*).

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de São Paulo (USP), docente da Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA). E-mail: cintia.cardoso@usp.br.

² Entre essas perspectivas, destacam-se as abordagens que encontram seu fundamento nos estudos de M. Bakhtin, que leva em consideração o processo de produção e não o produto, ou seja, há um interesse não com aspectos formais e sim com aspectos constitutivos do discurso plasmados nos gêneros. Por não se coadunar com a perspectiva adotada pela GSF, não trabalharemos com essa vertente.

De acordo com Vian Junior (1997), Hasan, fundamentada em Halliday, conceitua gênero a partir da noção de campo, relações e modo do discurso, aspectos sociais presentes no uso da linguagem e que são denominados por Hasan de configuração textual, composta por uma estrutura textual que se realiza através de combinações possíveis de escolhas, realizadas pelos usuários.

Martin (2003, p. 7) defende que gênero são os diferentes tipos de textos que representam vários tipos de contextos sociais, que se desenvolvem em práticas linguísticas, interpretadas pelo autor como uma forma de ação social (MARTIN, 2000), que desenvolve muitos modos de intervir em vários processos sociais. Por exemplo, quando criança, o homem aprende a reconhecer e distinguir os gêneros típicos de sua cultura por conviver constantemente com significados e interagir com outros indivíduos em várias situações e, como os padrões de significados são relativamente consistentes para cada gênero, aprende a prever como cada situação provavelmente acontecerá e aprende também como interagir nela (MARTIN, 2003). Assim, padrões previsíveis de significados podem variar de acordo com a variedade de recursos da linguagem que o usuário domina, a complexidade da situação de interação e o contexto.

Para Martin (2002; 2003), dentro da GSF, gênero representa um sistema de estágio, metaorientado nos processos sociais através dos quais os sujeitos sociais em uma dada cultura vivem suas vidas, havendo, nesse ponto, claramente uma ênfase na dimensão social.

O conceito de gênero defendido por Eggins (1994) origina-se nos estudos de Martin, Hasan e Ventola. Sua definição parte do contexto situacional em que o texto foi produzido, isto é, o registro, que, Vian Junior (1997), com base em Eggins, afirma ser determinado pelas variáveis do campo do discurso, de suas relações e de seu modo. A partir da descrição do registro, descreve-se o gênero, localizado numa esfera mais ampla que é o contexto da cultura em que o texto é produzido. Isto significa que um mesmo gênero pode variar de cultura para cultura, pois, pode apresentar diferenças em culturas diferentes (EGGINS, 1994).

Eggins e Martin (2003) desenvolvem um trabalho com uma visão holística e consideram que o ensino da língua deve ter um propósito social daí a importância atribuída ao contextualismo. Por isso, propõem um programa de ensino baseado no estudo do gênero, que explore uma variedade de possíveis textos e que enfoque diferentes situações (relatos, narrativas, explicativos, informativos, instrucionais, descritivos...).

Uma cultura pode reconhecer um número bastante grande de gêneros, mas não incontáveis. Na cultura ocidental contemporânea, existem gêneros que os padrões de significados são mais ou menos previsíveis, como cartão, conversas casuais, argumentos, informações telefônicas, instruções, palestras debates, brincadeiras, anedotas, jogos e assim por diante; e dentro de cada um desses tipos, em geral, nomeiam-se outros gêneros mais específicos (MARTIN, 2003).

Um aspecto importante nos estudos mais recentes dessa linha é o parentesco entre os gêneros. Pela determinação de suas similaridades e diferenças, dois enfoques são propostos para o exame da filiação dos gêneros: o tipológico e o topológico. A abordagem tipológica baseia-se nas distinções categóricas entre os gêneros, a partir de oposições e similaridades. A abordagem topológica busca a determinação de terrenos comuns (sobreposições) e similaridades e localiza os graus de proximidade e distanciamento; mais do que impor fronteiras absolutas de diferença, essa abordagem mapeia graus de similaridade, modelando escolhas em termos de tendências e graus, mais do que de dicotomias disponíveis dentro de uma rede tipológica. As duas abordagens oferecem perspectivas complementares na classificação e filiação dos textos.

Os gêneros nos textos de História

Da raiz da questão de gêneros, emerge uma indagação: qual forma mais eficiente de exprimir o passado: narrativa ou análise? Segundo Coffin (2000), os estudantes de História tendem a construir explicações mais lineares e com isso, constroem mais a narração, enquanto os historiadores, geralmente, explicam os eventos históricos no nível mais estrutural, ou seja, utilizam mais a análise e a argumentação, para melhor expor o passado. Particularmente, para a autora, as narrativas causais são criticadas pela impossibilidade de vincular relatos em vários níveis de discussão simultaneamente com diferentes elementos que afetam outros níveis e graus de interpretação, por exemplo, o socioeconômico, o cultural e o ideológico.

Considerando a perspectiva da GSF, Schleppegrell (2005) defende que as diferentes tarefas ou formas de escrita histórica são representadas por diferentes gêneros, identificados pelos objetivos particulares de organização de cada texto. O quadro 1 mostra alguns dos tipos de gêneros históricos identificados pela GSF e o propósito de cada gênero ilustrado pelas funções e as questões que podem ser respondidas.

GÊNERO	O QUE FEZ ISSO	QUESTÃO PARA RESPONDER
Narrativa Histórica	Estabelece a sequência dos eventos com raciocínio causal sobre porque coisas aconteceram	Por que isso aconteceu? (<i>analisar</i>)
Explicação Histórica	Define e avalia; explica e interpreta os fatores que resultaram ou as consequências dos eventos históricos	O que levou a isso? Ou qual foi o resultado disso? (<i>explicar e interpretar</i>)
Argumento Histórico	Promove uma posição ou interpretação sobre os eventos	Qual é seu julgamento do que aconteceu? (<i>avaliar</i>)

Quadro 1 – Alguns gêneros de História – Fonte: Baseado em Martin, 2002 apud Schleppegrell, 2005.

Os gêneros narração, explicação e argumentação são relevantes para este estudo. Estes gêneros são discutidos nos estudos de Achugar e Schleppegrell (2003; 2005) e Schleppegrell (2005) e demonstram a importância de se compreender a noção de gênero e dos tipos de textos que operam nos textos de História para reconhecer as relações causais relevantes que explicam fatos e eventos no discurso histórico.

Entre os estudiosos que têm se destacado nesse campo, encontra-se Coffin (2000, 2004), cujos trabalhos aprofundam esse tema. A autora afirma que o gênero é a maneira como os textos são estruturados para cumprir suas finalidades, tais como contar uma história (um gênero de relato), dar instruções (um gênero de procedimentos), explicar eventos passados (um gênero explicativo), e assim por diante. Assim, diferentes gêneros apresentam diferentes “começos”, “meios”, e “fins”, no dizer da autora, e estes estágios podem ser identificados através dos padrões lexicais e gramaticais que se correlacionam a diferentes funções, como, por exemplo, fornecer os antecedentes em um relato que focalize as causas pelas quais eventos ocorreram em uma sequência particular. Coffin aponta ainda que, a despeito da centralidade da narrativa e da análise do passado, em textos de história, há outras finalidades mais específicas nesse universo, tais como recontar eventos no passado, esclarecer por que os eventos aconteceram em uma sequência particular, explicar os fatores que contribuíram para um resultado particular no contraste ou explicar as consequências que levaram a uma determinada situação. O quadro 2 apresenta o grupo de gêneros, suas finalidades e seus estágios nas categorias narrativa e analítica.

Família de Gênero	Gênero	Finalidade Social	Estágios
Gêneros de registro (narrativa)	Narrativa autobiográfica	Narrar os acontecimentos de sua própria vida	Orientação, registro de eventos (reorientação) ³
	Narrativa biográfica	Narrar os acontecimentos da vida de uma pessoa	Orientação, registro de eventos (avaliação de pessoa)
	Narrativa histórica	Narrar acontecimentos do passado	Antecedentes, registro de eventos (dedução)
	Relato histórico	Relatar os motivos de eventos acontecerem numa sequência particular	Antecedentes, justificativa de eventos (dedução)
Gêneros explicativos (análise)	Explicação dos fatores	Explicar as razões ou fatores que contribuíram para um resultado em particular	Resultados, fatores, reforço dos fatores
	Explicação das consequências	Explicar os efeitos ou consequências de uma situação	Dados, consequências, consolidação das consequências
Gêneros argumentativos (análise)	Exposição	Propor para consideração um ponto de vista ou argumento	(Antecedente), tese, argumentos, reforço da tese
	Discussão	Discutir um assunto por dois ou mais pontos de vista	(Antecedente), assunto, argumentos/perspectivas, posição
	Desafio	Argumentar contra uma visão	(Antecedente), posição desafiadora, argumentos, antítese

Quadro 2 – Gêneros-chave de História: Estágios e propósitos sociais – Fonte: Traduzido de COFFIN, 2004, p. 70.

A partir das descrições de suas finalidades e estágios, observa-se também o papel da causalidade em cada gênero. Assim, no relato histórico (um dos gêneros narrativos), o estágio principal é um relato dos eventos, por meio do qual um escritor explica por que uma sequência de eventos particulares ocorreu. Nos gêneros explicação dos fatos e das consequências (que pertencem aos gêneros explicativos de análise), os estágios são fatores e consequências, com destaque para o papel central da causalidade. Nos gêneros argumentativos, por contraste, a causalidade não é colocada como um dispositivo preliminar de organização, entretanto, em seu estudo, a pesquisadora mostra que as relações causais têm um papel importante no gênero argumentativo, mesmo que as explicações causais tendam a ser encaixadas como parte da evidência para um argumento.

Conclusão

A pesquisa mostrou que, quanto mais valorizados os gêneros nos textos de história (por exemplo, os gêneros argumentativos produzidos no final do período de escolarização), mais orientados causalmente os alunos se apresentam, relativamente aos gêneros que ocorrem no começo da escolarização secundária.

No que diz respeito às implicações pedagógicas, os gêneros de História variaram de acordo com a faixa etária dos estudantes. Com os alunos do ensino fundamental é trabalhado o gênero narrativo, e com os alunos do ensino médio são trabalhados os gêneros explicativos e

³ Os parênteses abrigam os estágios opcionais.

argumentativos, pois a expectativa é que o aluno desse nível leia e produza explicações e argumentações sobre fatos históricos.

Por isso, uma análise dos livros didáticos adotados nas escolas brasileiras que levasse em conta a perspectiva do gênero textual, com base nos princípios da GSF, atrelada à faixa etária dos alunos, seria, além de interessante, um conhecimento relevante para o professor, com repercussão, inclusive, em práticas pedagógicas mais conscientes.

Referências

ACHUGAR, Mariana; SCHLEPPEGRELL, Mary J. Beyond connectors: the construction of cause in history textbooks. **Linguistics and Education**. United States. Elsevier, n. 16, 2005, p. 298-318.

_____. Learning language and learning history: a functional linguistics approach. **Tesol Journal**. v. 12, n. 2, 2003, p. 21-27.

CIAPUSCIO, Guiomar. La noción de género en la Lingüístico Sistêmico Funcional y en la Lingüística Textual. **Revista Signos**, 2005, vol. 38, n. 57, p. 31-48.

COFFIN, Caroline. **History as discourse**: construals of time, cause and appraisal. 2000. 690 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade of New South Wales, Austrália, 2000.

_____. Learning to write History: the role of causality. **Written Communication**. v. 21, n. 03, July, 2004. p. 261-289.

EGGINS, Suzanne. **An introduction to systemic functional linguistics**. London: Pinter Publishers, 1994.

EGGINS, Suzanne; MARTIN, James Robert. El contexto como género: una perspectiva lingüística funciona. **Revista Signos** [online], 2003, v. 36, n. 54, Disponível em: <<http://www.scielo.cl/scielo>>. Data de acesso: 25/03/2008.

HALLIDAY, M. A. K. **An Introduction to functional grammar**. Londres: Edward Arnold, 1994.

_____. As bases funcionais da linguagem. In: DASCAL, Marcelo (Org.). **Fundamentos metodológicos da lingüística**. v. 1. São Paulo: Global, 1978. p. 125-161.

_____. Functions of language. In: HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. (Eds.). **Language, context, and text**: aspects of language in a social-semiotic perspective. Oxford: Oxford University Press, 1989. p. 15-28.

MARTIN, J. R; ROSE, D. **Working with discourse**: meaning beyond the cause. Continuum: New York, 2003.

_____. Design and practice: enacting functional linguistics. **Annual Review of applied linguistics**. v. 20, 2000, p. 116-126.

SCHLEPPEGRELL, Mary J. **Helping content area teachers work with academic language**: promoting english language learners' literacy in history, (Final report: Individual Research

Grant Award #03-03CY-061G-D). Santa Barbara, CA: UC Linguistic Minority Research Institute. 2005. Acesso em 06 de setembro de 2007, 00:12:40.

VIAN JUNIOR, Orlando. **Conceito de gênero e análise de textos de vídeos institucionais**. 1997. 129f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1997.